

# Outono medieval

## RESUMO

### A CRISE DO SÉCULO XIV

A expansão da economia verificada a partir do século XI havia provocado o aumento da mão de obra disponível e a incorporação de novas áreas para o cultivo, através da drenagem de pântanos e do desmatamento de bosques. No século XIV, não havia mais terras a incorporar ao cí-

cuito produtivo. As terras existentes apresentavam queda de produtividade provocada pelo esgotamento do solo. A última fronteira localizava-se na península Ibérica, onde, através da Reconquista, novas extensões territoriais passaram ao domínio da cristandade (conforme veremos no capítulo seguinte).

Na economia comercial, a escassez da prata, por problemas técnicos no aprofundamento das minas, provocou a desvalorização das moedas e a inflação, que atingiu particularmente a nobreza feudal. Os preços dos produtos manufaturados de luxo, muito procurados pela nobreza, tiveram rápida elevação. Ao mesmo tempo, as taxas recolhidas pela nobreza aos camponeses diminuíram.

Em razão de tudo isso, o século XIV foi marcado pela morte. Uma série de más colheitas provocou fome e desnutrição, fazendo cair o índice de natalidade da população europeia. Além do mais, uma terrível epidemia, denominada Peste Negra, varreu toda a Europa a partir do Leste, provocando uma catástrofe demográfica sem precedentes: a morte de cerca de um terço da população, o que desorganizou a economia feudal.

O resultado das mortes está entre as causas da crise do feudalismo. Com uma queda assustadora da mão de obra (dos servos e artesãos), ocorreu uma crise geral na sociedade. Os trabalhadores fugiam de áreas infectadas. Muitos senhores perderam grande parte de seus trabalhadores. A nobreza enfraquecia-se.

Os preços dos produtos agrícolas e o valor da mão de obra livre tiveram grande aumento. A aristocracia procurava reforçar os laços servis sobre seus camponeses e impor-lhes novas prestações, a fim de manter seu padrão social. Em 1349, na Inglaterra, foi decretada uma lei que obrigava os camponeses a trabalhar para os senhores por salários fixos. Principados germânicos, espanhóis e portugueses estabeleceram a mesma norma, agravando as tensões entre camponeses e nobres.

### Revoltas e rebeliões

Essas tensões converteram-se em rebeliões. Mas o saldo da peste não foi o primeiro nem o único desencadeador de revoltas camponesas. Em 1323, bem antes da epidemia se alastrar pela Europa, camponeses de Flandres se rebelaram contra a tentativa dos senhores de restabelecer velhas obrigações; em 1358, camponeses franceses pegaram em armas para enfrentar os soldados que vinham saqueando os campos, no levante que ficou conhecido como **Jacquerie**; em 1381, camponeses ingleses revoltaram-se contra a legislação que os prendia à terra e lhes impunha mais compromissos.

Esses três levantes, no entanto, fracassaram – o da Jacquerie, por exemplo, resultou na morte de 20 mil camponeses. Mas o fracasso dos rebeldados não afiançava a capacidade da nobreza e do clero de manter a ordem social. Os poderes monárquicos viram-se obrigados a ampliar sua atuação sobre o conjunto da sociedade e começavam, desse modo, a se projetar como as instituições capazes de conter as revoltas populares.

Despontavam também guerras entre reinos, que destruíam as cidades e as plantações. Além dos prejuízos provocados pelos conflitos, os senhores enfrentavam os saques promovidos por ex-soldados. O conflito mais devastador foi a **Guerra dos Cem Anos (1337-1453)**, entre França e Inglaterra, motivada por questões sucessórias e pelo interesse de ambos os reinos em dominar Flandres. Durante seu transcurso, os reis franceses impuseram aos súditos tributos que

aumentaram consideravelmente as rendas do Estado e, desse modo, permitiram a criação de um exército profissional. A guerra e o caos social dela decorrente contribuíram para acelerar a unidade nacional, tanto entre os franceses como entre os ingleses.

A situação obrigava a transferência de parte do poder para as mãos dos monarcas, que controlavam os exércitos e as rotas de comércio; estes, por sua vez, militarizavam-se e ao mesmo tempo restringiam a independência do clero e as liberdades das universidades, a fim de afirmar os poderes temporais. Uma centralização do poder nas mãos dos reis estava em curso. Um novo tipo de soberania política, diferente daquela sustentada pela Igreja cristã, também se processava. Do interior do feudalismo uma nova sociedade começava a se formar. Seriam ainda necessários alguns séculos para que o capitalismo tomasse forma. Mas a transição já havia se iniciado.

### O declínio da cavalaria medieval

A importância da cavalaria medieval declinara a partir do século XIV. A pólvora, trazida da China, começou a ser utilizada nas batalhas travadas pelos europeus. Com o desenvolvimento de canhões, pistolas e arcabuzes, podia-se acertar o inimigo a distância, tornando os cavaleiros alvos fáceis.

As antigas habilidades guerreiras tornaram-se ultrapassadas. Pouco a pouco, os europeus foram abandonando as pesadas armaduras por coletes mais leves. A velocidade tornava-se fundamental para escapar das balas de canhões e das outras armas de fogo.

Os exércitos eram formados por grandes companhias militares; as tropas de mercenários – pessoas que se alistam em exércitos de outras nações em troca de dinheiro e que podem trocar de lado de acordo com a melhor oferta – eram comandadas por membros da nobreza.

As batalhas já não dependiam exclusivamente do movimento de poucos cavaleiros, como no período medieval. Os exércitos tornavam-se muito mais numerosos, compostos de imensas cavalarias. O poder de destruição também aumentava. Acabada a guerra numa dada região, as companhias militares punham-se a esperar nova oportunidade de entrar em ação. A favor de quem lhes pagasse melhor.

## O flagelo da peste negra

No noroeste da Europa, entre a primavera e o outono de 1315, ocorreram chuvas intensas, pouco comuns para essa época do ano. Os campos de cereais ficaram inundados e as sementes ficaram atrofiadas ou apodreceram. Com isso, o preço do trigo disparou.

Entre 1315 e 1317, essa situação se agravou e boa parte da Europa foi atingida pela chamada **grande fome**. Enfraquecidos pela falta de alimentos, os que sobreviveram acabaram contraindo vários tipos de moléstias. Dentre elas, a **peste negra**, que dizimou grande parte da população europeia.

Acredita-se que a peste tenha chegado à Europa por Gênova, na Itália, uma das principais cidades mediterrâneas que distribuía as mercadorias orientais pelo continente. Um navio originário de Caffa, entreposto genovês no mar Negro, teria trazido a bordo os ratos que espalharam o mal pela Europa. Na primavera de 1348, a peste atingiu as demais cidades italianas, atravessou os Alpes e se alastrou pelo sul do continente. No mesmo ano, chegou também à península Ibérica e alcançou o norte europeu, aterrorizando escoceses e ingleses. Em 1349, invadiu o Sacro Império e a Europa oriental.

Cerca de um terço da população europeia morreu em decorrência da peste negra; algumas aldeias simplesmente desapareceram. Somente no século XVI a população da Europa conseguiu recuperar os números que possuía antes da peste. Na Inglaterra, por exemplo, uma população estimada em 3,7 milhões de habitantes, em 1348, caiu para 2,25 milhões, em 1377.

Os conhecimentos médicos da época foram insuficientes para combater a epidemia. A cólera divina foi a explicação mais comum para a doença. Os pintores da época retratavam com a representação de Deus disparando flechas sobre os humanos, punindo-os por seus pecados. Muitos acusaram os judeus pelo flagelo, por julgarem que esse povo teria sido responsável pela crucificação de Jesus. Outros acusavam os leprosos. Na ânsia de aplacar a ira divina, multiplicaram-se os cortejos de flagelantes, penitentes que desfilavam com o torso nu, açoitando as próprias costas. Os mais resignados elegeram São Roque como advogado celeste para os males da peste.

Somente no século XIX descobriu-se que a **peste negra** era um tipo de peste bubônica, inicialmente transmitida por pulgas.



## Cólera divina

Giovanni Boccaccio, grande escritor de Florença, na Itália, que conheceu de perto os horrores da peste, disse: "O desastre lançara tanto estupor no coração dos homens e das mulheres que o irmão abandonava o irmão; o tio, o sobrinho; a irmã, o irmão; muitas vezes mesmo a mulher, o marido. E, o que é mais grave e espantoso de crer: os pais e as mães, como se os filhos não lhes pertencessem, já evitavam ir vê-los e ajudá-los".

Apesar dos exercícios de mortificação, a peste prosseguiu implacável, passando de rua para rua, de quarteirão para quarteirão, e assim foi durante anos seguidos. Quando dava uma trégua, reaparecia de forma atenuada para logo irromper de modo explosivo. Ao menos no norte da península Itálica, a peste negra se compôs de seis epidemias sucessivas! O mesmo ocorreu em outras partes da Europa.

Atenuada por curtos intervalos, a peste dominou o século XIV e adentrou o XV, espalhando a morte por toda parte. As obras de arte da época registraram com detalhes o medo das multidões, representando danças macabras, ossos e caveiras, e sobretudo a própria morte, geralmente simbolizada por uma caveira.

## Nobres em conflito: a Guerra dos Cem Anos

Além da peste negra, o século XIV também conheceu a mais longa guerra da Idade Média, travada entre a monarquia francesa e a inglesa, que ficou conhecida como a **Guerra dos Cem Anos**. Na verdade, a guerra durou, entremeada de curtas tréguas, 116 anos, de 1337 a 1453.

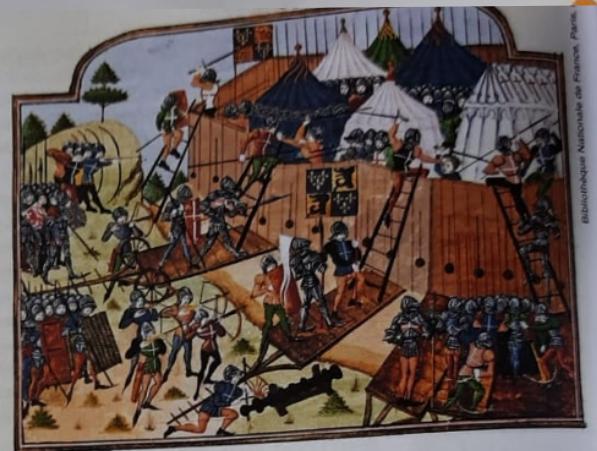
O conflito começou com a disputa pela Coroa francesa: Carlos IV, rei da França, morreu em 1328 sem deixar filhos homens. Eduardo III, rei da Inglaterra, julgava-se o seu legítimo herdeiro, porque era sobrinho do falecido rei. Ao mesmo tempo, boa parte da nobreza francesa apoava Filipe de Valois, primo do rei, que assumiu o trono como Filipe VI, provocando a reação do rei inglês.

Na época, as guerras não eram conflitos entre Estados nacionais, mas entre nobres, príncipes e reis por tronos, títulos e domínios territoriais onde pudesse cobrar impostos. Por isso, não é surpresa que um rei inglês cobiçasse acumular a Coroa da França, com todas as vantagens e privilégios que poderia obter.

Mas para isso ele precisava do apoio da nobreza francesa. Afinal, o poder dos reis confrontava-se com o poder dos senhores feudais, os grandes duques e condes. Esse jogo de alianças era feito de acordo com as tradições feudais, incluindo as lealdades vassálicas e os interesses econômicos imediatos. Foi o que aconteceu na **Guerra dos Cem Anos**, que, por isso mesmo, é um bom exemplo da guerra medieval.

## Vitórias inglesas

Os combates se iniciaram em 1340, com a vitória dos ingleses na Batalha de Sluys, na região de Flandres (litoral dos Países Baixos), apoiados pelo duque da Bretanha e pelos mercadores flamengos, naturais de Flandres, com os quais o rei inglês tinha negócios. A guerra prosseguiu na Normandia (norte da França) com novos triunfos de Eduardo III, em 1347 e 1348, o que lhe garantiu o controle do canal da Mancha.



(Bibliothèque Nationale de France, Paris.)

O rei francês Filipe IV conseguiu resistir, porque a peste negra forçou a suspensão das hostilidades por alguns anos. O seu sucessor, João II, tentou reagir, mas não teve sucesso.

Em 1360, houve uma tentativa de paz com o Tratado de Calais, rompido pelos franceses, que logo equilibraram o conflito. No inicio do século XV, a Inglaterra partiu para a ofensiva. O rei Henrique V, grande cavaleiro da casa de Lancaster, aproveitou-se dos conflitos entre nobres franceses para invadir a França. Em 1415, travou-se a importante Batalha de Azincourt, quando o exército de Henrique V venceu a cavalaria francesa.

O exército inglês era muito menor do que o francês, porém mais combativo e dedicado ao rei. Henrique V, grande estrategista, atraiu a cavalaria francesa para campo aberto e acionou seus arqueiros para depois atacar pelos flancos com a cavalaria.

No mesmo ano, comandou a tomada de Paris e consolidou o controle da Normandia. Pelo Tratado de Troyes, em 1420, o rei da França foi obrigado a deserdar seu filho, cedeu à Inglaterra todo o norte do reino e aceitou dar a mão de sua filha Catarina a Henrique V, que se tornou herdeiro do trono francês.

## A revanche francesa: Joana d'Arc

Henrique V morreu pouco depois de voltar à Inglaterra, em 1422. A monarquia francesa reagiu. Carlos VII, o novo rei da França, ignorou o tratado de 1420 e recrutou camponeses para formar um poderoso exército que, partindo do vale do Loire, reconquistou os territórios perdidos.

Nesse contexto, despontou a figura lendária de Joana d'Arc, uma jovem camponesa que liderou os franceses em várias batalhas, com autorização do rei. Joana procurou Carlos VII alegando ter ouvido vozes celestiais que a designavam para combater os inimigos do rei destronado...



O quadro clássico Guerra dos Cem Anos, de Jules-Eugène Lenepveu, concluído em 1890, mostra o triunfo de Joana d'Arc na batalha de Orléans (1429). (Panthéon, Paris, França.)

Portal de mapas



(Fonte: DUBY, Georges. *Atlas historique mondial*. Paris: Larousse, 2003.)

### 3 A crise do feudalismo

A fome, a peste e as guerras causaram estragos sem precedentes na sociedade europeia no final da Idade Média. A população vivia em completo desamparo.

Nos tempos de trégua a população era assaltada pelas companhias de soldados mercenários que roubavam os poucos víveres de camponeses e mercadores e atacavam as mulheres. A eles juntavam-se os bandidos e os camponeses falidos, que atacavam as terras senhoriais, destruindo estabulos e moinhos, arruinando a economia rural.

Muitos senhores feudais e camponeses abandonavam as terras e se refugiavam nas cidades. O abandono das terras e a mortalidade diminuíam ainda mais as rendas senhoriais, já afetadas pela diminuição da mão de obra e pela queda na produção agrícola. Além disso, a nobreza perdeu influência sobre seus dependentes e teve o seu poder enfraquecido.

Joana d'Arc teve participação extraordinária na fase final da Guerra dos Cem Anos. Comandou várias vitórias, como na retomada de Orléans, em 1429, mas acabou capturada pelos ingleses no ano seguinte. Acusada de praticar bruxarias, foi condenada à morte, em 1431, e queimada viva aos 19 anos de idade. No século XX, foi canonizada pela Igreja católica e tornou-se padroeira da França.

Carlos VII reinou até sua morte, em 1461. A disputa sucessória na Inglaterra significou a chance para os franceses retomarem os territórios que julgavam ser seus.

Em 1453, a vitória sobre os ingleses em Bordeaux pôs fim à guerra centenária, que se iniciou com o conflito feudal entre reis medievais, mas deu um importante passo para a formação de monarquias modernas.

## Reação senhorial

As guerras trouxeram mudanças significativas à sociedade feudal. A cavalaria, símbolo da "arte da guerra" na Idade Média, perdeu sua importância com a valorização dos arqueiros e a chegada das armas de fogo, em especial os canhões. Como a formação dos exércitos não dependia mais da estrutura feudal, assentada em laços vassálicos, mas sim de soldados que serviam à realeza em troca de um soldo, o poder militar dos senhores feudais ficou cada vez mais reduzido.

Eles procuraram aumentar suas rendas impondo multas e taxas, além de impedir que os camponeses deixassem as terras arrendadas. Em 1349, no auge da peste na Inglaterra, o rei Eduardo III proibiu o aumento dos valores pagos pelo trabalho de camponeses e artesãos das cidades.

As taxas e os impostos tornaram-se um enorme flagelo para a população, o que resultou em uma série de revoltas. Na França, em 1358, surgiram as chamadas *jacqueries*, que uniram os camponeses contra as novas imposições senhoriais, tomando várias cidades no norte e no sul.

No plano externo, a cristandade ficou novamente ameaçada pelos muçulmanos, desta vez pelos turcos otomanos. Ultrapassaram o mar Negro, avançaram sobre a península Balcânica e ensaiaram a conquista do Mediterrâneo oriental. Paralelamente ao avanço turco, os europeus deslocavam o eixo comercial do Mediterrâneo para o Atlântico, iniciando as grandes navegações da época moderna.

### A Jacquerie: fome e revolta camponesa no século XIV

A Jacquerie foi um grande levante camponês ocorrido no norte da França, entre maio e junho de 1358. Seu nome deriva de Jacques Bonhomme, que não é o nome de um personagem, mas uma expressão usada na França para designar o camponês. Literalmente significa "Jacques, bom homem", mas tem o sentido pejorativo de "João-ninguém".

Os camponeses se revoltaram por conta da fome generalizada, agravada pela peste negra e pela Guerra dos Cem Anos. Os rebeldes foram massacrados por exércitos senhoriais, resultando na morte de 20 mil camponeses, aproximadamente. A palavra *jacquerie* passou a designar, então, qualquer revolta camponesa na França. Não foi por conta das revoltas camponesas, uma típica luta de classes, que o feudalismo entrou em crise no Ocidente medieval. Mas o peso dessas revoltas não pode ser subestimado, principalmente no contexto de guerras e epidemias que marcaram o século XIV.

■ Relacione as revoltas camponesas no final da Idade Média com a Guerra dos Cem Anos.



Gravura medieval mostrando o massacre de camponeses na jacquerie de 1358. Em: Chroniques de France, c. 1375-1400.

Bibliothèque Nationale de France, Paris, França

## 4 O avanço do sultão

No século XIV, Constantinopla, capital do Império Bizantino e principal porto das rotas que ligavam os mares Negro e Mediterrâneo, tinha uma vida cultural agitada. A universidade, fundada no século XIII, formava teólogos, historiadores e filósofos que estudavam Platão e Aristóteles. No entanto, o esplendor intelectual e artístico contrastava com uma vida política e militar conturbada.

O Império Bizantino estava em crise desde o século XI, quando um ramo dos turcos, os seljúcidas, partiu da Ásia central e alcançou a Anatólia (parte asiática da atual Turquia), conquistando diversas cidades. No século XIII, outro ramo dos turcos, os otomanos, submeteu os seljúcidas e reforçou seu poder militar.

Liderados pelo sultão Osman I, os otomanos fizeram várias conquistas na Ásia Menor. Islamizados havia séculos, estavam preparados para alcançar novas terras, unindo os interesses comerciais e a fé em Alá.

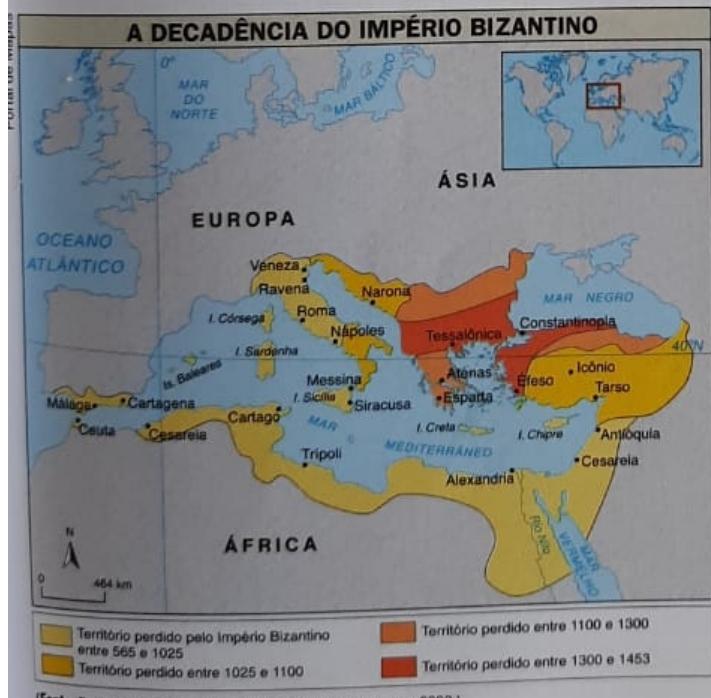
Diversas crises políticas ocorridas em Bizâncio facilitaram a expansão turca. Em 1371, o imperador João V se rendeu aos otomanos, passando a pagar tributos ao sultão. Mas o acordo durou pouco. Constantinopla foi várias vezes sitiada por recusar-se a pagar mais taxas.

Em 1425, João VIII, último imperador bizantino, buscou o apoio dos cristãos da Europa ocidental, até mesmo da Igreja. Chegou a propor uma conciliação com Roma, reconhecendo a autoridade apostólica do papa. O Concílio de Ferrara, iniciado em 1431, aprovou a união entre as duas Igrejas, mas a aliança não prosperou, pois os patriarcas de Bizâncio rejeitaram a manobra do imperador.

A queda de Constantinopla tornou-se questão de tempo. No início de 1453, os turcos conquistaram a cidade.

Em 29 de maio de 1453, o sultão Maomé II entrou triunfalmente em Constantinopla e logo determinou a transformação da Catedral de Santa Sofia, símbolo da Igreja ortodoxa, na primeira mesquita da cidade.

A tradicional rota de especiarias passou a ser controlada pelos turcos. Gênova, antiga aliada de Bizâncio, reconheceu os novos senhores, mas os mercadores da cidade passaram a investir na península



O Império Bizantino, que chegou a controlar o Mediterrâneo no século VI, perdeu cada vez mais territórios a partir do século XI, até entrar em colapso na virada do século XIV para o XV. Os turcos otomanos deram o tiro de misericórdia em 1453.

Ibérica, em busca de novas rotas para o Oriente. Veneza perdeu menos, porque sua principal rota de especiarias desaguava em Alexandria, no Egito, região que, pelo menos até 1517, ficou livre da dominação otomana.

### A expansão turca

Os turcos são povos asiáticos originários da Turcomênia ou Turcomenistão, situada na Ásia central, razão pela qual são por vezes chamados de turcomanos. Dois ramos dos turcos tiveram papel importante na história do Ocidente ao longo da Baixa Idade Média: os seljúcidas e os otomanos. A islâmização dos turcos começou na Alta Idade Média, no tempo em que o califado Abássida de Bagdá (no atual Iraque) andou recrutando turcomanos para seu exército. A expansão dos turcos começou com os seljúcidas, termo derivado de Seljuque, chefe guerreiro desse grupo nômade na altura do século X. Os seljúcidas atacaram o Império Bizantino, chegando a capturar o imperador, em 1071. Ele só foi liberado mediante o pagamento de um resgate elevadíssimo. O apogeu dos turcos seljúcidas ocorreu no século XI. Por volta de 1243, o poderio seljúcida declinou com a expansão dos tártaros ou mongóis, o que contribuiu para a ascensão do ramo otomano, liderado por Osman I, fundador da nova dinastia turca em 1258. A expansão otomana contra Bizâncio foi avassaladora na segunda metade do século XIV, resultando, no século seguinte, na conquista de Constantinopla (1453). Com o objetivo de controlar territórios e rotas comerciais e, ao mesmo tempo, combater os "cristãos infiéis" em nome de Alá, os turcos se lançariam contra o Ocidente no século XVI.

- Formado a partir do século XV, o Império turco-otomano sobreviveu por séculos. Localize o contexto em que esse império foi desagregado.

Portal de Mapas



(Fonte: Atlas da História do Mundo. São Paulo: Folha da Manhã, 1995.)